LÁ NA INFÂNCIA¹. MARCAS DE NASCENÇA, DE NANCY HUSTON

BACK IN CHILDHOOD. NANCY HUSTON'S FAULT LINES.

Nubia Hanciau²

Resumo: *Marcas de nascença coloca em perspectiva quatro momentos da existência de quatro membros de uma mesma família, que pertencem a uma geração diferente com uma mesma referência: todos têm seis anos de idade. Cada narrador é o ascendente direto do precedente. O romance inicia em 2004 nos Estados Unidos e termina em 1944-1945 na Alemanha destruída pela guerra e seus horrores. O objetivo deste artigo é observar a maneira como os conflitos particulares nessas crianças são afetados por acontecimentos de repercussão mundial. Serão levados em conta fatores tais como: a família – o segredo em torno das filiações – a violência, a busca da identidade, a resiliência dos protagonistas e da própria autora.*

Palavras-chave: Romance familiar, Crianças, Ascendência, História.

Abstract: *Fault lines places into perspective four members of the same family from different generations and one reference: each one's sixth year of age. Each narrator is a direct ascendant of the former. The novel begins in 2004 in the United States and ends in 1994-1945 in a Germany destroyed by war and its horrors. The aim of this article is to observe the way in which individual conflicts in these children are affected by world wide events. Factors as family – the secrets surrounding progeny – violence, search for identity, character and the author's own resilience will be considered.*

Keywords: Family drama, Children, Progeny, History.

1 Título tomado emprestado da crônica de Marta Medeiros publicada no jornal *Zero Hora* (Porto Alegre, RS, 27 jan. 2008). A escritora gaúcha divulga e populariza a tradução de *Marcas de nascença*, que esgota a primeira edição em alguns meses após publicação. Décimo quarto romance de Nancy Huston, primeiro traduzido no Brasil, *Marcas de nascença* foi *best-seller* na França (*Lignes de faille*), venceu o prêmio Femina e foi finalista no prêmio Goncourt no ano de seu lançamento. Escrito originalmente em inglês (*Fault lines*), foi traduzido pela própria autora para o francês. As citações a seguir remetem à primeira edição da tradução de Ilana Heineberg para o português (L&PM, 2007).

2 Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande/RS: nubiah@mikrus.com.br

“Eu me saí dessa’, admiram-se os resilientes, que depois de um ferimento reaprendem a viver, mas essa passagem da sombra para a luz, a escapada do porão ou a saída do túmulo implicam a necessidade de reaprender a viver uma outra vida”.

Boris Cyrulnik, Os patinhos feios, 2004.

Prolegômenos

É recorrente na produção literária contemporânea a presença de romances que desvelam o elo problemático dos escritores de hoje com o que ocorreu, e a dificuldade de se fazerem herdeiros dos séculos passados. Entretanto, a compreensão do presente não é possível sem o retorno aos acontecimentos ocorridos, sem estabelecer o inventário das heranças familiares. Sabe-se que muitas vezes o presente não pode ser vivido como um momento inteiro e pleno, pois está entravado pelos não-ditos e silêncios do passado, pelas lacunas da história que pesam na consciência dos indivíduos.

O crítico Dominique Viart, em artigo exemplar intitulado “Narrativas de filiação” (1999), identifica novas formas literárias que considera próprias deste período – “narrativa de filiação”, “ficções biográficas”, “ficções críticas”, “romance arqueológico”, “poesia prosaica” – e demonstra que a literatura francesa contemporânea não cessa sua obstinação pelas questões familiares e os problemas de filiação. Segundo ele, após os tempos de uma estética clássica, em que reinava a imitação dos antigos, após aqueles das rupturas modernas, que colocavam abaixo as autoridades do passado, a narrativa procura inspiração no espelho dos seus intercessores. Para o ensaísta francês, o escritor contemporâneo dialoga de tal maneira com as obras do passado, a ponto de confundir vozes e escrituras. Tamanha curiosidade dialógica se traduzirá com frequência na profusão das figuras do “herdeiro”, testemunha da necessidade de repensar os elos familiares e as transmissões, a partir do momento em que a modernidade os sacudiu. As investigações históricas que se ocupam dos silêncios familiares e se preocupam em preencher as páginas brancas da história são chamadas, segundo D. Viart, de “narrativas de filiação”.

A literatura ligar-se-ia nessas narrativas menos amplamente aos lugares de memória e às comunidades preservadas do que à inquietação de um sujeito que se reapropria do legado dos ascendentes e tenta reconstruir sua

narrativa, de maneira fragmentária e fugitiva, entrelaçando a preocupação de recuperar essas atestadas figuras aos encantamentos da memória.

Quando no romance *Marcas de nascerça* – em pauta nesta reflexão – Nancy Huston se propõe enfrentar a fenda das tradições e pende para as questões de filiação, ela renova os tempos e reata o passado ao presente, transformando o intervalo temporal em um percurso do Sentido³. Assim como ela, “todos nós arquitetamos romances para contar a nossa estadia na terra. Melhor ainda: nós *somos* esses romances! *Eu* é o modo de conceber o conjunto de minhas experiências” (HUSTON, 2010, p. 25).

Tudo acontece como se a história não pudesse mais ser escrita na perspectiva coletiva, mas devesse ser repensada, recolocada no contexto de uma intimidade em liberdade. Tem-se falado muito sobre o passado enquanto reconstrução feita pelo historiador, cujo olhar pode focalizar as vidas transcorridas em total anonimato durante os grandes conflitos. O sujeito contemporâneo – é o que ocorre no romance em pauta – estaria à prova, em encontro singular com seus ascendentes e seus espectros, re/elaborando ao mesmo tempo genealogias artísticas e intelectuais. É na renovação das formas autobiográficas e das escritas do íntimo, ainda de acordo com D.Viart, que se repercute de maneira privilegiada a filiação. Se a literatura contemporânea investe nas questões do sujeito, muitas vezes é para mostrar como ele se constrói no desvio do outro, assimilando a comunidade dos que o antecederam.

Ao delinear em *Marcas de nascerça* o modo como as tramas particulares das quatro crianças narradoras são afetadas por acontecimentos de repercussão mundial, serão observados a seguir, na construção do romance e na de seus protagonistas, fatores tais como: a família – o segredo em torno das filiações –, a violência, a busca da identidade, a resiliência dos protagonistas e a da própria autora.

Quatro personagens diferentes, quatro gerações de uma mesma família, quatro narrativas para desenvolver a história e a ascendência de crianças judias que vivenciam momentos decisivos da história. Todos os narradores têm seis anos e são unidos por uma “marca de nascerça”. As temporalidades e os locais são distintos, mas remontam à história maior por intermédio do olhar dessas infâncias. Para a autora, “[a] narrativa da infância (como a

3 Em *A espécie fabuladora*, Nancy Huston promove o sentido a Sentido, com maiúscula. Segundo ela, a narrativa confere à nossa vida uma dimensão de sentido que os outros animais ignoram. Por isso, tratando-se desse sentido, a utilização da letra maiúscula. O Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que se constrói a partir de narrativas, de história, de ficções (2010, p. 18).

narrativa do sonho) fornece aos psicanalistas um terreno privilegiado para estudar o procedimento narrativo, o *estilo* de cada paciente. Praticamente nenhum fato é verificável; nenhum controle é possível; liberdade total à interpretação!” (HUSTON, 2010, p. 24-25).

As quatro gerações, *Sol* (2004)

Solomon, menino californiano, obcecado pela pureza, contaminado pelo seu tempo e pelo seu país, os Estados Unidos, inaugura o cenário de *Marcas de nascença* no primeiro capítulo (em um conjunto de quatro – I. Sol, II. Randall, III. Sadie, IV. Kristina, sucedidos por uma Nota da autora e pelas Referências) para narrar sua história a partir da realidade em 2004, a era do atentado de “11 de setembro” (2001). Sol demonstra demasiado gosto pela Internet, pelo acesso irrestrito a imagens de corpos humanos cruelmente mutilados pela ação das forças americanas, pela violência das imagens de tortura da prisão iraquiana de Abu Ghraib; e também, pelas cenas grotescas de pornografia, de subjugação da mulher e de zoofilia. Porta-se como um verdadeiro “sol”, soberano, centro do universo, navegando sem trégua nem limite na tela do computador, onde engole tudo o que encontra, achando-se invulnerável, um deus que mergulha no engodo da suficiência, a ponto de não se conscientizar sobre o que o fere. Os pesadelos e o sofrimento físico conseguirão trazê-lo ao mundo real. É este menino quem “planta” a história da família, as avós misteriosas (passado perturbado, desavença familiar, lesbianismo, combate ao nazismo, etc.). Mas o mais chocante, sobretudo, é a maneira como ele encara as cenas fortes: o que ao leitor tem aspecto horrendo, constrangedor por seu caráter desumano, a Sol serve efetivamente como paradigma. Excita-o a visão da agressão sexual às mulheres e a violência envolvida na morte cruel de iraquianos. Seu comportamento, avesso ao esperado de uma criança, revela-se diverso da imagem que o leitor teria até então de um menino estadunidense de seis anos de idade; Sol apresenta desvios de personalidade que envolvem tanto sua obsessão em relação às suas funções fisiológicas, quanto a patológica egolatria:

Vou começar a escola nesse outono e pretendo escutar tudo, gravar tudo e obter notas brilhantes, mas sempre mantendo a descrição; por enquanto os outros não precisam saber que sou o rei, o Sol único e o Filho único, filho de Google e de Deus, Filho imortal e onipresente da Tela. WWW ao avesso fica MMM: a não ser a Minha Mãe Milagrosa, a quem dei alguns indícios,

ninguém suspeita do brilho, do esplendor, da fabulosa radiação do meu cérebro que um dia vai salvar o universo (p. 24).

Ao despertar, nas primeiras linhas do romance, ele pensa: “Estou acordado. É como ligar o interruptor e encher o quarto de luz. Assim que escapo do sono, estou ligado alerta eletrificado⁴ com a cabeça e corpo funcionando perfeitamente. Tenho seis anos e sou um gênio. Esse é o primeiro pensamento do dia” (p. 15). Sua obsessão com a alimentação, as fezes e a limpeza sustenta-se na crença de que só imaculado poderá legitimar seu papel de salvador. Solomon considera que sua missão é ser o homem forte, destinado a grandes feitos, o exemplo em uma família de homens fracassados. Subordina todos, em especial a mãe, às suas vontades. Contudo, sua marca de nascença é vista de maneira negativa, principalmente pela mãe, um defeito que deve ser retirado, obstáculo à busca da perfeição:

Meu único defeito é esse sinal na têmpora esquerda. Do tamanho de uma moeda de 25 centavos, redondo e em relevo, marrom e felpudo. Defeito mínimo, mas o corpo é um templo e o menor defeito deve ser eliminado do templo do Solomon, por isso a mamãe marcou hora para uma intervenção cirúrgica no mês de julho. O papai é meio contra, mas por essa época provavelmente ele já vai estar no Iraque (p. 24-5).

A cirurgia malsucedida dá origem a uma cicatriz, bem maior do que a marca que pretendia(m) extirpar, enfatizando que não há como fugir das marcas, daquilo que somos, daquilo que nos forma. Mas é ela que traz a avó Sadie para visitá-los, e é dessa visita que surge a ideia de viajarem para a Alemanha para visitar Greta. Logo, a cirurgia para eliminar a marca de nascença permite simpatizar com Sol e ajuda a encontrar nessa figura controversa experiências vivas sofridas pelas crianças; contribui também para identificar (aos olhos de Sol) os membros daquela família, pois termina sendo a causa da reunião das quatro gerações e do grupo heterogêneo que viaja àquele país, o que se vê na seguinte cena:

[...] sou superconsciente do quanto o nosso grupo anglófono é chamativo e singular, comportando, entre outros, uma deficiente física de peruca, uma bruxa miúda de cabelos brancos e um garotinho de quipá *Guerra nas Estrelas*. Bem que eu queria tinger os olhos deles com um raio laser para fazê-los olhar em outra direção. Enfim... a gente entra no prédio (p. 70).

4 Espaçamentos encontrados na tradução, existentes também no original.

Randall (1982)

A segunda narrativa pertence a Randall (pai de Sol), que vive em Nova York com seus pais, Sadie e Aron, mas é forçado a mudar-se para Israel. Diferentes noções de mobilidade perpassam sua narrativa e influenciam a vida do personagem: no espaço (viagens, deambulações, deslocamentos, *flâneries*); no tempo (grandes saltos temporais); no nível do discurso (mudanças de vozes narrativas, múltiplos enunciadores que transferem a posição de enunciador de um sujeito a outro); no nível da linguagem (pela mudança de língua, utilização de metáforas e outras figuras de retórica que deslocam o sentido primeiro das palavras), etc. (BERND, 2010, p.12).

Assim, a mudança de país é um evento que marca profundamente a vida de Randall, desde o aprendizado necessário do hebraico, passando pelas relações afetivas com Nouzha, uma menina da Palestina:

Ao meio-dia vejo-a de longe no refeitório e ela sorri para mim, nunca recebi um sorriso como esse, e o meu estômago se derrete. O que preciso fazer para que essa menina se interesse por mim? Faria qualquer coisa. Morreria. Comería os meus sapatos. Eu me casaria com ela (p. 122).

Ambos frequentam a melhor escola do bairro, em Haifa, mas para Nouzha: “Vocês americanos não sabem de absolutamente nada” (p. 124). Apaixonado, Randall ouve então o que ela tem a dizer, o que considera a “verdadeira história de Haifa”:

Há muito, muito tempo [...] no século passado, todos os tipos de pessoas moravam juntas nesta cidade. Primeiro foram os palestinos, como é o caso da família do meu pai e da minha mãe, que estão aqui desde sempre, e depois, por causa do porto de águas profundas, chegaram muitos drusos do Líbano, depois judeus da Turquia e da África do Norte, depois alguns alemães malucos que fundaram uma colônia de templários aqui e virou bairro alemão, e também os bahaístas, que construíram um templo com um jardim bem no meio da colina para não passarem despercebidos. Mas depois o sionismo surgiu. Sionismo é quando os judeus decidiram voltar para a Palestina onde moravam antes, esquecendo de um pequeno detalhe, ou seja, que vários milhões de palestinos viviam ali com os seus costumes e as suas tradições (p. 124-5).

Devido às diferenças de percepção – políticas, religiosas e territoriais – entre judeus e palestinos, o breve amor entre Randall e Nouzha termina se trans-

formando em ódio. Mas esse contato, em contrapartida, fez com que Randall conhecesse outra realidade e compreendesse os conflitos que agitavam aquela parte do mundo, segundo a própria Nouzha, realidade desconhecida, de modo geral, pelos próprios norte-americanos, alimentados por um discurso responsável pela imagem distorcida do oriente para os ocidentais.

Se no início da relação Randall e Nouzha trocam segredos e confidências no seu “esconderijo cintilante” (p. 127), depois da ruptura as marcas deixadas por essa aproximação são indelévels, a tal ponto que Randall atribui à colega de escola o acidente da mãe:

Nouzha. O mau-olhado de Nouzha, aquele dia na escada. Nouzha me atingiu com o seu mau-olhado – daraba bil-‘ayn – desejando que me acontecesse uma desgraça horrível. *Foi ela quem causou o acidente de minha mãe*, tenho certeza. A sua própria família foi retalhada em Chatila, ela decidiu se vingar dos judeus, e eu era o seu melhor amigo judeu. Eu estava tão perturbado que esqueci da fórmula para desviar o mau-olhado. A frase está me voltando agora – Ma sa’há Allah wa kân –, mas é tarde demais. Tudo o que está acontecendo é vontade de Deus (p. 142).

Como um quebra-cabeça, cada narrativa vai completando aos poucos os espaços deixados pela anterior. O tempo, tema que permeia *Marcas de nascença*, sinaliza o momento histórico a partir do qual cada geração se apresenta e as transformações que ocorrem à medida que seus membros amadurecem. É sobre o tempo a primeira reflexão de Randall em seu relato: “Nesta primavera entendi pela primeira vez a duração de um ano. Quando as folhas começaram a brotar das árvores, lembrei muito de como elas brotaram na primavera passada e pensei comigo: *Então um ano é isso*” (p. 79). É também no tempo que Randall procura encontrar ou reconstruir a lembrança, é nele que se apoia. “O tempo, e só o tempo, tem o poder de desempenhar este papel à medida que nele pensemos como um meio contínuo que não mudou e permanece hoje como era ontem, de modo que podemos encontrar o ontem no hoje” (HALBWACHS, 2008, p.146).

Sadie (1962)

A seguir, desenvolve-se a história de Sadie (avó de Sol), mãe de Randall, que mora com os avós maternos em Toronto, no Canadá. Menina, ela sofre no mundo seco e asséptico dos contrariados avós canadenses que a

educam, e se ressentem da ausência da mãe fantasmática e adulada; mas é dependente sobretudo das regras que ela própria se impõe com a seriedade de uma criança que constrói rituais secretos para trazer de volta a mãe. Seu mundo é sóbrio e triste (*sad*). Dividida entre a saudade da mãe, a rotina de atividades cansativas e as exigências da avó materna, ela luta contra si mesma para corresponder às expectativas que deposita(m) nas aulas de balé, nas boas notas na escola, nas lições de piano, no encontro do grupo de bandeirantes, que devem ser desempenhados à risca para que o *Inimigo* imaginário não a repreenda. Quando sua mãe decide levá-la para Nova York, Sadie tem a certeza de que começará nova vida nos Estados Unidos e reconquistará sua infância. O padrasto, Peter, ensina-lhe a história judaica, o que a ajuda a criar raízes. Mas todas essas experiências boas e os breves momentos felizes encontram o fim quando ela vê a mãe mantendo relações sexuais com um “estranho” chamado Lute, e passa a odiá-la.

Sadie adulta transforma-se em mulher obsessiva com suas pesquisas e sua aparência. As origens desse comportamento são reveladas na trajetória em busca incessante de suas origens e identidade. Sua curiosidade ela procura transmitir ao neto Randall, explicando-lhe a ascendência alemã, pois a vovó Erra (Kristina) nasceu na Alemanha.

– Ela *cresceu* no Canadá, é verdade, e ela nunca fala dos seus primeiros anos de vida, mas a verdade é que ela esteve na Alemanha. É realmente importante para mim saber tudo o que puder sobre isso. Também estou fazendo isso por você, sabe como é... Não podemos construir um futuro se não conhecermos a verdade sobre o passado. Não é mesmo? (p. 92-3).

Falar da mãe/avó é subterfúgio para falar de si mesma e dar a Randall a oportunidade de conhecer melhor a trajetória da avó. Para Dominique Viart, em “Le récit de filiation aujourd’hui” (2013), os narradores dessas narrativas de filiação adotam com frequência a prática do historiador para restituir, por meio de arquivos familiares e documentos de época, ou da própria memória, o alcance das experiências do passado: nessa investigação, o passado não é o objeto de um saber que se trata de formular ou estabilizar através dos conceitos, mas o objeto de uma experiência que é preciso reviver (e transmitir) para poder colocar-se no lugar do ascendente e compreender o que ele viveu. Se as ferramentas históricas ou sociológicas empregadas nessas narrativas de filiação são, em muitos aspectos, instrumentos críticos, elas também são vetores de empatia que permitem captar, mesmo que fugidamente, as feridas e as dores de outrora.

Kristina (1944-45)

É de Kristina (bisavó de Sol) – única personagem que aparece em todas as narrativas, portando diferentes nomes e diferentes identidades (G.G., Erra, Kristina, Klarissa) –, a última história. Em Sol e Randall ela é homossexual e mora com sua companheira em Nova York. Para Sadie, ela cai do pedestal, após trair o parceiro com um estranho. Finalmente revela-se que nos idos de 1940 Kristina foi retirada de sua família ucraniana para ser educada em família alemã sob a política de Himmler.

O conflito desencadeador dos relatos, o Holocausto, responsável pela marca primeira, a *ligne de faille*, é abordado de maneira diferenciada pela autora. Nancy Huston mostra o lado interno dessas “verdades desagradáveis – tanto para o gênero humano ao qual pertencemos, quanto para nós mesmos – [verdades que] têm mais chances de ganhar voz e ser ouvidas numa obra literária do que numa obra filosófica ou científica” (TODO-ROV, 2009, p. 80); ela lembra ainda que a chacina perpetrada faz parte não apenas da história judaica, mas atravessa a história mundial; as quatro gerações retroativamente sucedidas trazem ao presente progressivamente a raiz do Mal, o inconsciente coletivo hereditário.

O cenário é a Alemanha nos últimos anos da Segunda Grande Guerra (1944-45). Após desavença com a irmã Greta, Kristina descobre que foi adotada. Sua mãe adotara também Johann, menino polonês de 12 anos. Johann e Kristina, ambos vítimas dos *Lebensborns*⁵, desenvolvem uma relação especial e planejam fugir juntos para seu país de origem para lá encontrar seus pais verdadeiros. Quando a guerra chega ao fim, eles são encaminhados a um orfanato temporário até suas famílias serem contatadas. Sabe-se, entretanto, que os pais de Johann foram mortos e a família de Kristina estava em risco na Ucrânia. Ela passa a viver com um casal de origem ucraniana que mora no Canadá. Mas, antes de se separarem, os jovens estabelecem um pacto, o de se encontrarem no futuro: ele responderia pelo nome de Lute; ela, pelo de Erra.

5 *Lebensborns* ou *fountains of life* foi um famigerado programa nazista que em suas práticas recolhia crianças de outras nações com características físicas semelhantes à chamada “raça pura” e as redistribuía para famílias alemãs, pretendendo sua “germanização”. Conhecidos também como “haras nazistas”, foram concebidos por Heinrich Himmler, com o objetivo de germanizar menores entre mais de duzentas mil crianças roubadas dos países que invadiam (Polônia, Ucrânia) e, assim, recompor sua memória antes de confiá-las a potentes nazistas em escassez de descendência. Em entrevista ao *Globo*, Nancy Huston conta que foram essas milhares de crianças roubadas a principal inspiração de seu romance, crianças selecionadas com base na cor, tamanho e inteligência. Profundamente chocada, ela tomou conhecimento da história por meio do livro de Gitta Sereny, *O trauma alemão – experiências e reflexões, 1938-2001* (lançado no Brasil pela Bertrand, em 2007).

Kristina representa o que o psicanalista francês Boris Cyrulnik denomina de fantasma. Tornar-se um “fantasma” é não conseguir livrar-se dos traumas e viver prisioneiro das feridas, das marcas de nascença. Se o real morre, ser feliz só será então possível por intermédio do delírio ou da arte, que “transforma o lodo em poesia, o sofrimento em êxtase, o patinho feio em cisne” (2005, p. 3). Quando descobre suas raízes e a razão de não ter uma língua materna, Kristina opta por cantar sem palavras, apenas fazendo sons.

Impressiona desvendar a verdade perturbadora na apoteose final, onde tudo começou, onde o livro termina e onde se esclarece o enigma dessa família misturada, as premissas e a razão da pulverização do destino dos herdeiros de Kristina, aliás Klarysa, aliás Erra, aliás GG, etc., mãe de Sadie e avó de Randall, a força do seu segredo e a de suas melodias, o impacto inicial que se estende sobre uns e outros, nesta história construída *à rebours* para abarcar várias épocas e identidades. No fim da escalada o(a) leitor(a) que perseguiu o fio da memória desvenda o *puzzle*.

Da bisavó Kristina ao menino Sol, cada geração enfrenta terremotos políticos ou íntimos desencadeados pela geração precedente. Contudo, o mais extraordinário é a forma pela qual o romance é conduzido, através da palavra dessas crianças que aparentemente nada têm em comum, mas são unidas pelo sangue, vítimas dos acontecimentos que as ultrapassam, sujeitas a escolhas que lhes escapam – não obstante, as marcarão por toda a vida. Todas as personagens passam pelo processo de resiliência, essa capacidade que o ser humano tem de superar ou sublimar os traumas e impedir que as pessoas que o cercam sofram com eles. *Marcas de nascença* remete ainda ao momento da perda da nossa própria inocência; impossível não nos identificarmos, emocionarmos ou deixarmos de procurar à nossa volta, ou na memória, o sofrimento infantil, os elementos traumáticos que geraram o adulto que conhecemos.

As primeiras linhas de um livro costumam ser carregadas de Sentido. *Marcas de nascença* já de início apresenta no pré-texto a citação: “Um adulto nada mais é do que uma criança que sofreu”, oferecendo a primeira pista, o espírito da leitura que virá: a dificuldade do adulto superar as dores emocionais, que sempre podem voltar à superfície e que têm origem nos ancestrais.

Entrecruzamentos finais

Importante ressaltar que a ferida da autora, reavivada livro após livro, ressurgiu mais uma vez, como uma espécie de expiação: nascida em Cal-

gary (Alberta), ela era ainda menina quando sua mãe a abandonou, aos seis anos, em episódio que denominou de “cataclisma”. Essa fratura determinou não apenas as futuras reações, mas o itinerário que seguiu e tem origem nesse fato de ordem estritamente pessoal. Certamente por isso Nancy compartilha a dor de Sadie, que acredita não ter sido suficientemente amável para conservar a mãe perto de si.

A escrita para a escritora será a âncora, o lugar fixo de onde poderá perscrutar a outra de si mesma, parte daquele “eu” sofrido que ainda hoje volta ao Canadá. Se não há cura para tamanho conflito, ele pode render um número infinito de histórias que transformam o vazio em múltiplas vidas, ornamentadas em dimensão quase mítica, transcendendo e se incrustando na Grande História.

De geração em geração, de infância em infância, crianças são destruídas em tenra idade. Mas como “tudo se define até os seis anos”, dizem os especialistas infantis –, elas podem se transformar em pais ou mães abusivos ou ausentes, prisioneiras involuntárias do que nelas inscreveram, com ferro em brasa. Os sinais também são marcados na pele – o estigma do sangue – e levam a encontrar as pistas do destino, que levarão por sua vez à verdade, ao trauma e à ruptura iniciais.

Mais uma vez, dois dos grandes temas prediletos de Nancy Huston encontram-se entremeados: o poder destruidor dos adultos sobre a criança – assunto dos romances *La virevolte* (1994) e, mais recentemente, *Danse noire* (2013) – e a força da destruição dos ódios racistas, tema de *L’empreinte de l’ange* (1998). Apesar de tudo, a herança fragilizada pela melancolia e pela tristeza da história não condena as personagens, tampouco a autora, a carregarem para sempre o peso do passado. É possível recriar-se e recrear-se, sem permanecer estranha às tragédias ocorridas, mas decidida a ultrapassá-las. Contra a barbárie também se ergue *Marcas de nascer*, com amor, humor e ira, para celebrar a memória, a fidelidade, a resistência e a música, alternativas à falsidade e às dores trazidas da infância.

As histórias dessas crianças têm importância ainda, tanto para os estudos literários quanto para os historiográficos. Nos primeiros, os diferentes focos narrativos e pontos de vista liderados por vozes e olhares infantis – que manifestam na primeira pessoa do discurso as aventuras e as angústias do seu tempo – configuram um recurso inovador: embora protagonizado por meninos e meninas, o romance está longe de ser catalogado ou encontrado nas prateleiras da literatura infanto-juvenil. Por outro lado, nos relatos da história, ao refletir profundamente a condição humana, o que se tem é muito mais do que lembranças de adultos que embarcam em uma

viagem interior na busca por idílios e traumas da primeira vida. Na viagem em paralelo pelos acontecimentos históricos que se desenrolam de 2004 a 1944 – da contemporaneidade e realidade do século XXI, à Alemanha nazista e a última Guerra Mundial – restam marcas indeléveis nessas vidas indefesas, raramente registradas.

Os recentes estudos sobre a narrativa de filiação apontam para sua originalidade ao substituir a narrativa mais ou menos cronológica do eu – que compartilha a autoficção e a autobiografia – pela investigação sobre a ascendência do sujeito. Tudo acontece como se os escritores permutassem a investigação de sua “interioridade” pela de sua “anterioridade” familiar. Pai, mãe, avós, antepassados mais afastados são objeto de reflexão em narrativas nas quais a estratégia principal, sem dúvida, é o melhor conhecimento do narrador ele próprio, por intermédio daqueles de quem herda.

A biografia da autora apresenta semelhanças com *Marcas de nascer* notadamente quanto à idade dos narradores: seis anos, a mesma idade da menina Nancy quando foi deixada ao desamparo pela mãe. O número seis, interpretado como “linha de falha” da própria escritora, poderia limitar a leitura dessas histórias contadas; revisitado, porém, em seu significado simbólico, “pode pender para o bem e também para o mal, para a união com Deus e também para a revolta” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1982, p. 888): – “Depois de seis milhões de mortos em seis anos, para onde poderiam ter ido? O que poderiam fazer?” (HUSTON, 2007, p. 127); amplia-se dessa forma o espectro e o universo interpretativo ao trazer outros textos para dentro da narrativa.

Se é instigante a construção da linguagem verossímil no universo infantil, se a idade dos narradores os aproxima da autora, podemos pensar ainda nas relações que se estabelecem no percurso de Nancy Huston: Canadá, Estados Unidos e França foram seus principais cenários; na adolescência mudou-se de Calgary para New Hampshire, mas foi a mudança para a França e as experiências em Paris que a tornaram a escritora e ensaísta famosa. Orientada por Roland Barthes, hoje com dezenas de romances, ensaios e outras publicações, não é apenas a escrita de grande riqueza sensorial que caracteriza a artista: as premiações que coleciona atestam a maestria na arte de contar histórias e teorizar acerca das vivências femininas no tempo.

Desde *La virevolte* (1994), a protagonista Lin vive dividida entre a maternidade e a paixão pela dança. Quando decide abandonar a família para seguir a carreira artística, a narrativa converte-se na angustiante espera da família pelo seu retorno. *L’empreinte de l’ange* (1998) apresenta Saffie, que, fria e triste, não consegue livrar-se das lembranças do passado nazista, até conhecer Raphael, famoso flautista judeu, com quem compartilha memórias semelhantes às suas. Ao revisitarem seu passado, os dois percebem

a morte de sua inocência ainda na infância. A pequena Maya de *Prodige* (1999) ajuda a mãe a lembrar que em meio às dificuldades do cotidiano, o amor e a música podem transformar a vida em uma bela sinfonia. O diálogo entre as duas narrativas em duas épocas torna o romance *Instruments des ténèbres* (1996) surpreendente. Aqui a famosa escritora nova-iorquina Nadia divide seu romance entre a história da própria vida e a trajetória da jovem Barbe Durand, ama francesa do início do século XVIII. Nadia subverte a história e salva, por meio do poder da escrita, a vida de Barbe, condenada à morte por bruxaria e assassinato.

Em todos esses romances reconhecemos a experiência de ser abandonada, de guardar um passado doloroso e libertar-se na arte da música e da escrita. As vidas fictícias criadas por Nancy Huston carregam em sua existência de papel as experiências de sua criadora. “Para nós, humanos, a ficção é tão real quanto o chão que pisamos. Ela é esse próprio solo. O nosso suporte no mundo” (2010, p. 26).

Assim como suas personagens, Nancy Huston é uma resiliente. A criatividade de suas ficções, os enredos e vidas tecidos com o imaginário engendram um segundo nível de realidade humana que povoa seus romances e que certamente a auxiliou no processo de cura do passado.

Breve nota final

A recepção crítico-literária da obra de Nancy Huston no Brasil, embora não extensa, é significativa. Já são três obras, na iminência de quatro, traduzidas para a língua portuguesa: *Marcas de nascença* (2006), *Dolce agonia* (2008) e *A espécie fabuladora* (2010); em processo de tradução, *Plainsong/Cantique des plaines* (*O canto das planícies*). Vanessa Massoni da Rocha, com a dissertação intitulada “A reinvenção da memória em *Cantique des plaines* de Nancy Huston” (2009), e Claudia Maria Pereira de Almeida, na tese “O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Roman Gary” (2004), teorizam sobre esses romances e ensaio trabalhados criticamente, mas ainda não traduzidos para nossa língua. A dissertação de mestrado “Visões de criança, história de adultos. Uma leitura de *Fault lines*, de Nancy Huston” (2008), de Sara M. M. Ezedim Pinho, contempla *Marcas de nascença*. Na tese publicada sob o título *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas* (2004), de Nubia Hanciau, o último capítulo é dedicado à análise de *Instruments des ténèbres*. Aqui a figura da feiticeira encontra-se dividida entre as personagens que a tornam criativa e viva e a própria autora, manipuladora da realidade histórica para salvar da fogueira inquisitória sua protagonista.

BIBLIOGRAFIA

- BERLINK, Deborah. Marcas do tempo. *O Globo*. Prosa e verso. Sábado, 22 mar. 2008, p. 1.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Laffont/Jupiter, 1982.
- CYRULNIK, Boris. *Os patinhos feios*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O murmúrio dos fantasmas*. Trad. Sônia Sampaio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PINHO, Sara Maio Ezedim. *Visões de criança, história de adultos. Uma leitura de Fault lines, de Nancy Huston*. Porto Alegre, 2008. Dissertação [Mestrado em Literatura] – Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em História da Literatura, FURG.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2008.
- HUSTON, Nancy. *Marcas de nascença*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____. *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. Porto Alegre: LP&M, 2010.
- LAPOINTE, Martine-Emmanuelle; DEMANZE Laurent. Présentation: figures de l'héritier dans le roman contemporain. *Études Françaises*, v. 45, n. 3, p. 5-9, 2009. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/038825ar>>. Acesso em: 22 maio 2014.
- MEDEIROS, Martha. Lá na infância. *Zero Hora*, 27 jan. 2008.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 2009.
- VIART, Dominique. Filiations littéraires. In: BAETENS, Jan; VIART, Dominique. *États du roman contemporain*. Paris-Caen: Lettres Modernes Minard, 1999. coll. Écritures contemporaines, 2.
- _____. Le récit de filiation aujourd'hui. In: *Écritures contemporaines*. Atelier de recherche sur la littérature actuelle (2013). Disponível em: <<http://ecrit-cont.ens-lyon.fr/spip.php?rubrique39>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

Recebido em: 01/07/2014. Aceito em: 16/07/2014.